

Catequeses Teresianas

XV

Tomada a decisão de seguir Jesus com generosidade, a alma encontra algum descanso no árduo caminho espiritual. Também a apresentação desta etapa nas quartas Moradas é de claro recorte bíblico. No castelo habitado que somos nós, aproximamo-nos das moradas onde habita o Rei. Nas quartas Moradas habitam os decididos a seguir Jesus com todas as conseqüências, os que deixaram cair a máscara do fingimento, se tornaram humildes (isto é, eles próprios) e traduzem a sua vida em doação a Deus e ao próximo. Agora fazem oração sem sentir-se superiores a ninguém, como o publicano no templo. Podem entabular com Deus uma relação de tu a Tu. Como o ancião Simeão, aprenderam a reconhecer Jesus. E isso dá muita alegria, como deu a Simeão. Começam a tomar consciência de ser habitados pelo mistério da Trindade divina, o que dá “grande contentamento”. Para o exprimir, Teresa explora aqui duas vezes o versículo do salmo bíblico da Hora matinal da liturgia (*Prima*), que diz: “cum dilatasti cor meum [dilataste o meu coração]”. Entrança-o com mais um símbolo que percorre toda a Bíblia, o da água que corre de duas maneiras para encher dois tanques: uma água que vem de longe por aquedutos e outra que vem “da sua mesma nascente, que é Deus”. “Assim que se começa a produzir aquela água celestial deste manancial, do fundo de nós mesmos, parece que se vai dilatando e alargando todo o nosso interior e produzindo uns bens que não se podem dizer, nem mesmo a alma sabe entender o que é aquilo que ali se lhe dá” (4M 2,3-6; veja 4M 1,5).

Mas também evoca a Esposa do Cântico dos Cânticos: “Reconheçamos a nossa miséria e desejemos ir aonde «ninguém nos menospreze» (4M 1,12: cf. Ct 8,1).

Unindo as duas imagens bíblicas de Rei e Pastor, o dono do castelo convida à intimidade com ele. “Vendo já o grande Rei que está na morada deste castelo a sua boa vontade [da gente deste castelo], por Sua grande misericórdia quer trazê-los de novo a Si e, como bom pastor, com um silvo tão suave... faz com que conheçam Sua voz e não andem tão perdidos mas voltem à sua morada. E tem tanta força este silvo do pastor que abandonam as coisas exteriores em que andavam alheados e se metem no castelo” (4M 3,2). Ao ouvir a voz do pastor que parte das sétimas Moradas (centro da alma), a pessoa recolhe-se no seu interior como lugar habitado. Esta tensão entende-se à luz do que dizia S. Agostinho: “Eis que estavas dentro de mim e eu fora e aí eu te procurava... Tu estavas comigo e eu não estava contigo” (*Confissões X, 27, 38*).

O que vai acontecendo nas quartas Moradas são as primeiras surpresas do amor autêntico: “Para aproveitar muito neste caminho e subir às moradas que desejamos, não está a coisa em pensar muito, mas em amar muito. E assim, o que mais vos despertar a amar fazei-o” (4M 1,7). A história de amor adulto acompanha o orante até às sétimas Moradas. Não há melhor receita do

que o amor e deixar-se guiar por ele, como fazia S. Agostinho: “Sou levado pelo amor para onde eu for levado [para onde quer que eu vá]” (*Confissões*, XIII, 9,10). É a regra de ouro nas quartas Moradas.

Mas é bom não esquecer que se trata de uma pessoa: de conhecer e amar Jesus Cristo; trata-se de configurar a nossa vontade com a dele, tal como o conhecemos do seu evangelho. Por isso, dá Teresa tanta importância à palavra de Deus. Também quem caminha neste processo lha deve dar, para não cair em ilusões.

P. Armando Vaz, OCD